

Utopia

**Jaime Negrão**

(vencedor da [Categoria A](#); pseudónimo utilizado: Carlos Vicente Praia)

**Citação:** Jaime Negrão, "Utopia", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 2 (2004). ISSN 1645-958X

<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>

10 de Dhu'l-Qa'dah de 1424

9 de Tevet de 5764

3 de Janeiro de 2004

Conseguimos, por fim. O sacrifício que nos foi exigido começará hoje a dar os seus frutos. O princípio de tolerância pelo qual largámos a comodidade do quotidiano será a partir de agora posto à prova.

Faz hoje pouco mais de um ano que tudo começou. Uma convocatória para a resolução de um problema – o caminho que o mundo estava a tomar, um debate no sentido de encontrar uma solução. Após bastantes horas, dias de discussão, concluímos que era preciso criar um exemplo, partindo do zero, e mostrar ao resto do mundo que é possível ao ser humano viver em harmonia consigo mesmo, com os que o rodeiam, e com a Natureza. Sim, a conclusão foi que iríamos materializar uma utopia, um lugar onde toda e qualquer pessoa se pudesse sentir bem, plena, onde qualquer credo, raça ou cultura fosse aceite tal como é: um produto do devir humano.

Apesar de nesse grupo inicial não existir grande diversidade etnográfica, um princípio segundo o qual eram eliminados da nossa sociedade todo o tipo de preconceitos foi estabelecido como máxima, pois é do julgamento precipitado e cientificamente inválido perante quem me rodeia ou mesmo quem desconheço que surgem muitos dos conflitos e tensões actuais, que hoje se verificam tanto a nível interno, no quotidiano das pessoas, exemplificando com o tumulto criado pela questão das vestimentas típicas duma religião serem aceites ou não nas escolas, como externo, com os desentendimentos político-religiosos (nos países em que os governantes são também os dirigentes religiosos) e as consequentes nefastas oposições bélicas. Partindo dessa lei, da primeira, foram criadas outras, que defendiam sobretudo liberdades individuais, tais como a liberdade de expressão ou de culto. Seria, deste modo, exigido a quem quisesse pertencer à nossa entretanto reduzida sociedade que abdicasse dos seus interesses, que de qualquer forma negligenciassem o bem colectivo, como é o caso das disputas ráticas. No fundo era simples, independentemente do que alguém possa ser ou acreditar, a harmonia necessária e impulsionadora de uma vivência plena em conjunto, conjunto esse inevitavelmente heterogéneo (em termos culturais), jamais poderia ser prejudicada por conflitos provenientes de querelas culturais. Em suma, era exigido a cada um a capacidade de procurar conhecer o porquê da existência e dos hábitos a quem para nós é estranho, diferente, e tentar compreender, aceitando tanto o que o desconhecido possa ter de bom como o que tem de mau, pondo de parte qualquer tipo de preconceito.

Isolando-nos do resto do mundo, e utilizando alguns dos meios que tem, arquitectámos a primeira cidade, aquela em que poríamos em prática o nosso sonho humanista. Decidimos chamar-lhe Amaurota, em honra da capital da ilha de Utopia, em honra do sonho de Thomas More. Enquanto os nossos arquitectos projectavam o nosso futuro lar, nós, os restantes, reunidos em assembleia, tentávamos dar solução ao primeiro desacordo no nosso seio. A questão: até que ponto aproveitaríamos as tecnologias do mundo actual, do qual acabáramos de fugir para criar uma eventual solução. Confessemos que voltar aos tempos primitivos seria ridículo, na medida em que seria na racional utilização desses meios e não na sua rejeição que se poderia aproveitar o potencial de todo o avanço tecnológico verificado desde o Paleolítico.

Ser-me-ia impossível enumerar tudo o que foi ou não aceite nessa altura, mas posso dizer que a escolha foi feita com base no critério de análise das consequências, tanto a curto como a longo prazo, da aplicação e aceitação de uma certa tecnologia. Assim, foi rejeitada, por exemplo, a energia nuclear, tanto pelo risco que enceta a sua fruição (apesar do seu enorme potencial) como pelo seu carácter hipoteticamente bélico.

Mas dizia que hoje era dia de celebração e de início de uma nova etapa. Apesar da dificuldade em se conseguir vir a fazer parte do nosso evolutivo projecto, tanto pelos princípios de tolerância e colectivistas que propomos, pois chocam com a maior parte das ideologias e estilos de vida de muitas pessoas, como pela localização geográfica (bastante recôndita), recebemos hoje mais um grupo de pessoas que desejam dar o seu contributo para Amaurota. Entre eles, um número considerável de adeptos do judaísmo, bem como outros tantos apologistas da fé muçulmana. Tendo conhecimento do que lhes era exigido para poderem tornar-se amaurotianos, não levantaram qualquer tipo de objecção. Se calhar a própria importância dada a este momento pode ser vista como discriminatória. Mas aqui não, pois a

confiança que as pessoas têm umas nas outras impede qualquer interpretação que seja diferente da contida no simples regozijo pela chegada de uma nova etapa, regozijo esse por haver cada vez mais gente a povoar as nossas ruas e casas, por conseguirmos atrair pessoas diferentes dispostas a abdicar de parte dessa mesma diferença que os identifica para se juntarem a nós, ao nosso sonho, que também é de quem estiver disposto a fazer o mesmo.

\*

27 de Muharram de 1425  
26 de Adar de 5764  
19 de Março de 2004

“Um sistema mantém uma certa estabilidade fluída que pode ser destruída por um passo em falso em apenas um nicho. Um sistema tem uma ordem, uma fluência de ponto a ponto. Se alguma coisa detém a fluência, a ordem entra em colapso. Os ignorantes podem só dar conta desse colapso quando é demasiado tarde. É por isso que a mais alta função da ecologia é a compreensão das consequências.”

Foi com estas palavras que foi aberta a assembleia em que se decidiria quais as tecnologias que seriam ou não aceites, de forma a se poder escolher as que pudessem contribuir para o saudável desenvolvimento de Amaurota. A preocupação ambiental patente neste excerto da obra *Dune*, de Frank Herbert, seria também a nossa. Assim, foi criada uma instituição de investigação e desenvolvimento tanto de medidas pro-ambientais até agora frustradas, como, por exemplo, a promoção da reciclagem ou das energias renováveis e não poluentes, como de estudo e aplicação de vias alternativas de aproveitamento de recursos naturais, de forma a conseguir solucionar a maior parte dos problemas de poluição actuais. Assim, conseguiríamos a prevenção da ignorância que apenas permite ver um colapso ambiental quando já é demasiado tarde.

A Ecologia é cada vez menos uma ciência especializada, pois o seu objecto de análise afecta cada vez mais áreas, tais como a da Física, ou da Botânica, ou mesmo da Sociologia! A degradação da Natureza é fruto de um retrocesso dentro do próprio desenvolvimento humano, e o meio natural está relacionado com o Homem das mais variadas maneiras, nos mais variados objectos de estudos da maior parte das ciências. Já Edgar Morin defendia que “o conhecimento ecológico requer uma policompetência nestes diferentes domínios (das várias ciências que acabam por fazer parte desse conhecimento) e sobretudo uma apreensão das interações e da sua natureza sistémica”. Doravante, o desenvolvimento terá também como premissa o respeito pelo sistema que rodeia o Homem, pois a sua sobrevivência depende da sobrevivência daquele, assim como estarão presentes em todas as ciências princípios ecológicos, de forma a impedir a acção nefasta que o ser humano tem produzido sobre o meio natural que o rodeia desde o início da Revolução Industrial, desde finais do século XIX.

\*

10 de Sha'ban de 1425  
10 de Tishrei de 5765  
25 de Setembro de 2004

Tendo em conta o respeito pelo ambiente que nos rodeia, foram adoptados para o embelezamento e organização da cidade os ideais de arquitectura orgânica, conceito teorizado por Frank Lloyd Wright. Este consiste na criação de edifícios que devem conseguir uma harmonia entre os seus habitantes e o ambiente que os rodeia, entre os elementos construtivos e a sua integração na paisagem que os integra. Era assim criada uma maior ligação entre os habitantes e a própria Natureza, bem como o consequente sentimento de responsabilidade no que diz respeito à sua conservação, de forma a poder desfrutar de tudo aquilo que ela oferece.

Outra preocupação de ordem arquitectónica foi a de tornar a cidade o mais iluminada possível, com ruas largas para aproveitar a luz solar, e com a construção de uma central hidroeléctrica num rio situado nos seus arredores, de forma a proporcionar aos cidadãos iluminação nocturna. A força deste rio, o rio Dísio, sendo bem aproveitada, é suficiente para criar energia eléctrica quanto baste para a iluminação urbana, para a dos edifícios públicos e para a das habitações. À volta desse mesmo rio estão situados os campos de exploração agrícola, cuja elevada mecanização liberta os agricultores, permitindo a existência de abundância de alimentos, ao ponto de lhes ser possível realizar o transporte desses mesmos para a cidade. Uma ponte suspensa une as duas margens (que se distanciam em cerca de 750 metros). A estrada, de 10 quilómetros de distância até à cidade, foi feita de modo a que o seu comprimento fosse o menor possível, ou seja, em linha recta sempre que realizável. Em breve deixará de ter uso, pois está a ser desenvolvido um veículo que, tendo como todos os restantes da cidade hidrogénio como combustível, consiga elevar-se a uma altura mínima de 75 metros do solo, permitindo

assim devolver a faixa de terreno retirada à Natureza aquando a construção da estrada, reduzindo ao mínimo a intervenção humana no *habitat* que rodeia a cidade.

Trabalham nos campos os que se ofereceram, tendo apenas a obrigação (além do cumprimento da profissão a que se propuseram, como é óbvio) de quando quiserem deixar de trabalhar lá, instruir um seu sucessor (sendo normalmente orientador do estágio de preparação desse novo voluntário), que continue o seu trabalho. Apesar do amor e ligação à cidade, a consciência de se estar a fazer um encargo essencial impregna o voluntariado de uma humildade e gratificação pessoal enormes, criando um relativamente grande grupo de pessoas que realmente sacrificam o seu bem-estar e amor pela cidade deslocando-se para os campos, enquanto que, ao mesmo tempo, são numerosos os que se dizem não serem capazes de tamanho afastamento. O mesmo acontece com os que se dedicam à criação de gado, também em pastos nos arredores, com os trabalhadores da central hidroeléctrica ou com os das condutas que ligam à cidade a nascente de um afluente do rio Dísio, abastecendo-a de água limpa e pura, potável. Na manutenção desses recursos são precisos tanto engenheiros como serralheiros, e nunca é permitido a seja quem for trabalhar num certo posto ou profissão sem antes ter recebido a formação adequada e aprovação no estágio pré-encargo de seis meses (normalmente tendo como orientador um dos trabalhadores que esteja de saída, de forma a garantir um número constante de mão-de-obra, renovando-o).

Para coordenar todos os empregos, pedidos de mudança ou mesmo para começar uma primeira profissão (jovens que atingem a maioridade), existe no centro da cidade um edifício de coordenação laboral. De facto, a organização da cidade processa-se como um círculo anelado, com um centro e respectivas camadas circundantes.

Nesse centro situam-se os edifícios governativos: o centro e os tribunais de emprego; as sedes das sociedades de gestão de recursos urbanos: água, electricidade, hidrogénio, géneros alimentícios, bens de consumo, transportes, construções, meios de comunicação; o centro de organização educacional, órgão preparativo tanto dos jovens, que recebem instrução obrigatória até aos 18 anos, como daqueles que desejam instruir-se para ocuparem uma nova profissão, ou mesmo aqueles que desejam cultivar o espírito, através dos mais variados cursos de especialização, investigação, entre muitos outros; e o edifício no qual se controla e mantém todos os outros organismos atrás referidos, o que hoje se denominaria Câmara Municipal, mas em Amaurota chamamos Centro de Administração Geral (CAG). Estes edifícios compõem a primeira camada à volta do centro da cidade, no qual se situa o CAG.

Na camada seguinte situam-se todos os edifícios de distribuição de bens de consumo. Daí cada um pode levar todos os géneros alimentícios de que precisa, sem dar nada em troca. É um sistema baseado nas competências das pessoas. Sendo a ociosidade socialmente reprimida pelos próprios cidadãos, e podendo apenas exercer uma profissão tendo a devida instrução, a abundância de alimentos está garantida pela elevada competência dos profissionais que trabalham na área da sua produção. É, assim, eliminado o carácter obrigatório de um emprego para sobrevivência, fazendo com que as pessoas não trabalhem de má vontade, pois não são forçadas a terem um emprego. A abundância impedirá a ganância e a avareza, não fazendo sentido alguém tirar algo mais do que o que precisa para si ou para os seus, sendo o constante abastecimento desses centros garante que ninguém venha a sentir falta de alimento. No entanto, o mesmo já não se passa com todos os outros bens de consumo. Estes devem ser requeridos nas sociedades correspondentes, que se situam na primeira camada de edifícios logo após o centro da cidade. Desde vestuário até livros, electrodomésticos a computadores, automóveis a mobília. É preciso justificar o requerimento com uma profissão, criando assim a crença de que o esforço recompensa. Contrariamente a isso, essas mesmas sociedades estão encarregadas de controlar os requerentes, não permitindo que haja quem trabalhe só para obter qualquer coisa, para de seguida viver luxuosamente no ócio (por exemplo). Nesse caso, o bem ganho ser-lhe-á retirado, e se essa pessoa quiser reavê-lo terá de o “remerecer”. Fica deste modo presente na mente das pessoas que para garantir o seu bem-estar terão de contribuir para o bem colectivo, terão de dar o seu contributo para a sociedade para depois terem a sua recompensa. Contudo, ninguém é obrigado a trabalhar para sobreviver. Quem não o fizer pode sempre viver à custa dos edifícios de distribuição, vivendo em condições básicas, continuando a poder usufruir dos serviços públicos, que são grátis, ou vendo as coisas dum outro prisma, vivendo à custa do suor e dedicação de outros. O que faz com que casos destes sejam muito raros. Mas mesmo existindo, os indivíduos que o fazem acabam por ser pessoas sós, sem ninguém que suporte tanto viver nessas condições como pelo receio da preguiça, quase considerada como uma doença contagiosa. E se formos ao fundo da questão, não faz muito sentido uma pessoa não trabalhar, porque mesmo os trabalhos mais pesados, como trabalhar numa fábrica de, por exemplo, produção automóvel (todas as fábricas se situam ao longo da estrada que vai dar ao rio Dísio, a partir dos últimos cinco quilómetros) é preciso apenas cumprir um horário laboral de 25 horas semanais. Mais, dado que as fábricas estão constantemente a ser piloto de testes de novas tecnologias, é exigido cada vez menos, fisicamente, dos operários.

Numa terceira camada situam-se as habitações. Estas não são todas iguais, tanto na sua arquitectura como na área que ocupam. Cada família, casal, ou indivíduo, após ter consultado um arquitecto e um engenheiro civil, apresenta um projecto de criação de habitação perante o órgão que decide ou não a sua aprovação, a sociedade urbana de construções, situada perto do centro, na primeira camada. As casas, que não devem ter mais de três andares e ultrapassar uma área de 350 metros quadrados, mais 50 opcionais para um jardim, contereão em si todo o espaço que os requerentes acharem ser preciso, no presente ou no futuro (isto caso seja um casal que deseje criar família, por exemplo). Assumem a responsabilidade de manter a casa nas melhores condições, e normalmente muitos deles dedicam grande parte do seu tempo à jardinagem, embelezando tanto o seu lar como a própria cidade. Comprometem-se também em compensar o tempo, mão-de-obra e materiais despendidos através da prática de uma profissão durante um ano, respeitando o horário laboral mínimo da profissão que escolherem (qualquer pessoa que não o faça, sem justificação plausível, fará com que a sua demissão seja proposta, no centro de emprego, que analisará o caso e decidirá sobre o assunto, como num julgamento. A muitos destes casos é concedido o perdão e uma segunda oportunidade, não havendo mais misericórdia se o caso se repetir).

Estará, então, localizado no centro de Amaurota o Centro de Administração Geral, com uma rua que o rodeia formando uma rotunda. Dessa partirão oito outras ruas em linha recta em direcção aos extremos da cidade, como se esta fosse uma circunferência dividida em oito partes iguais. Consoante os edifícios dessas partes, partirão ruas perpendiculares a essas oito, formando novas circunferências, não sendo a evolução da cidade senão um conjunto de anéis em ordem crescente (de dimensão) conforme se afastam do centro. Na origem deste tipo de disposição e planta de cidade está a ideia de que a esfera é símbolo de perfeição cósmica, de totalidade e plenitude, de união.

\*

3 de Dhu'l-Qa'dah de 1425  
3 de Tevet de 5765  
15 de Dezembro de 2004

Um dos maiores problemas que teve de ser resolvido foi o de como anular a cobiça e inveja humanas. Após bastantes horas de discussão no CAG, foi decidido criar, em cada habitação e edifício um sistema de segurança, não complicado de desmontar mas fisicamente desgastante, exigindo algumas horas e esforço para o fazer. Juntando isso ao preço a pagar pelo roubo ou sua tentativa – o exílio – seria mais fácil e cómodo a uma pessoa dedicar-se a um ofício honesto do que enveredar por esse ramo.

Os únicos edifícios nos quais não foi instalado esse sistema foram os templos, comuns a todas as religiões, sem preferência, ou seja, sem qualquer ornamentação típica desta ou daquela religião. Quem deles trata são pessoas, religiosas ou não, que a tal se dedicam, oferecendo-se, sendo essa ocupação considerada como mais uma profissão (em termos burocráticos).

Tal como as religiões são respeitadas, o mesmo acontece com os tempos livres e privacidade das pessoas. No entanto, são mais os que se dedicam a fazer algo pela cidade do que a guardar para si as suas horas livres. Quando mencionei a dedicação à jardinagem, não disse que esta apenas acontece nos lares de cada um. Não. Como exemplo máximo disso, devo mencionar o acontecimento na altura do primeiro aniversário da nossa cidade. Crianças de toda a área ocupada pela nossa comunidade, centro urbano e arredores, juntaram-se no centro, e acompanhados pelos seus pais e professores, plantaram os oito carvalhos que rodeiam o CAG, em frente a cada uma das ruas que de lá partem. O carvalho em si é um paradoxo, porque sendo árvore simboliza a imagem feminina, regeneradora da Mãe Natureza, mas sendo carvalho, pela sua masculinidade, dá a sensação de imponência, protecção, durabilidade quase eterna. Este paradoxo verifica-se também com a própria Amaurota, a ligação da imponência da cidade com a própria protecção materna da Natureza, aliada à fragilidade de cada indivíduo que, juntando-se a todos os restantes, é inquebrável.

Essa harmonia é estabilizada pela própria organização executiva e legislativa. As leis, que nem sequer são suficientes para formar uma constituição (palavra que faz lembrar um livro de enorme grossura e complexidade, e que é de difícil acesso para o cidadão comum), são tão simples que interpretações ambíguas são impossíveis, assim como a sua ignorância, que é evitada através do seu ensinamento às crianças, desde muito cedo, nas escolas. Todos são iguais perante a lei, desde o operário até ao representante no Senado. Este é composto por 72 elementos, 9 por cada "fatia" da cidade, normalmente 3 por zona em que trabalham, eleitos por voto secreto, direito reservado para todos os indivíduos maiores de dezoito anos (data considerada o início da idade adulta), que estejam ou empregados ou em reforma (permitida a quem cumpra a partir de 35 anos de trabalho) ou desabilitados fisicamente para realizar um encargo. Cada elemento cumpre um mandato de 3 anos, que não pode ser repetido senão seis após o anterior ter terminado. Aqui são discutidos os problemas e carências da cidade sobretudo, e

em algumas excepções casos individuais que mereçam uma atenção especial (como quando há o risco de ser aplicado o exílio).

As excelentes condições dos serviços públicos são outro dos elementos estabilizadores. A rápida e eficiente burocracia (quem, por exemplo, apresentar uma proposta de criação de habitação tem uma resposta em menos de 24 horas), fruto de uma organização exemplar; a qualidade dos meios desses serviços, tanto físicos como psicológicos, através de uma elevada profissionalização do pessoal docente e dum investimento nas melhores tecnologias e acomodações (especialmente em hospitais e lares para idosos ou incapacitados), com centros de saúde constantemente abastecidos de alimentos e material que seja necessário, assim como bens de consumo que ajudem a amenizar o sofrimento dos que lá estão; jardins floridos e bem conservados que tornam a cidade num paraíso natural, impossível de não amar e fazer tudo para assim o preservar.

Apesar de ainda ser jovem, Amaurota tem todas as condições para persistir. O cultivo da virtude e da acção permitem que defeitos e vícios sejam inaceitáveis, e consequentemente repelidos, para que não assolem a cidade tal como uma peste negra o faria na Idade Média. No fundo, a preguiça é uma praga, é a praga do século XXI. Mas enquanto estiver longe não poderá abalar as nossas instituições. Não podemos esquecer o facto de que ainda permanecemos um segredo para o resto do mundo, pelo que o contacto com o exterior apenas poderá ser estabelecido quando houver certeza absoluta de que os alicerces da nossa cidade estão bem fundados, dispostos a suportar qualquer peso que possa advir desse contacto. Por agora, construamos e solidifiquemos tanto a cidade como a nós próprios, através do cultivo do corpo e da mente, da virtude, para depois espalhar pelo mundo a nossa solução, realizada através da procura da harmonia com ajuda da tolerância, espalhar a fundamental e urgente necessidade de ligação e respeito à Natureza, para que possamos partilhar o nosso sonho.